



IX Conferência Brasileira de
Mídia Cidadã
IV Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

Câmeras na mão, ideias na cabeça, adolescentes em cena¹

Daniel Mendes MOREIRA²

Débora Favretto PINTO³

Ilka Margot GOLDSCHIMIT⁴

Mariângela TORESCASANA⁵

Resumo:

Documentário e Comunidade: Uma história que vai virar filme é um dos projetos pertencentes ao Núcleo de Extensão em Comunicação da Unochapecó. Tem como objetivo incentivar a comunidade de Chapecó a trabalhar com mídia cidadã, mais especificamente com a produção de documentários, criando uma maneira própria de refletir e comunicar a realidade em que vive. O Projeto existe há cinco anos e tem a intenção de tornar o cidadão um autor e um sujeito de sua própria história, provocando, através dos filmes, a discussão sobre questões do seu cotidiano. Busca-se uma comunicação livre de estereótipos e que mostre a realidade através dos olhos de quem a vive.

Palavras-chave: mídia cidadã; documentário; comunidade; Extensão

1. Introdução

O projeto de extensão “Documentário e Comunidade” proporciona à comunidade envolvida outro olhar sobre a informação que é veiculada na mídia convencional, possibilitando a produção de mídias cidadãs, gerando reflexões sobre temas do cotidiano. Ao discutir a mídia audiovisual e como seus espaços são utilizados pela indústria cultural, o projeto contribui para estabelecer novas relações entre público e mídia, entre jornalistas e público. Ao provocar a comunidade a documentar o cotidiano, a se retratar através da produção do audiovisual, esse projeto também possibilita a construção de novas concepções sobre o que significa mostrar ou relatar a realidade, sobre o que envolve o processo de exposição midiática.

¹ Trabalho apresentado na modalidade Relato de Experiência na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Acadêmico do curso de Jornalismo da Unochapecó, bolsista do projeto Documentário e Comunidade – uma história que vai virar filme. daniel_moreira@unochapeco.edu.br

³ Acadêmica do curso de Jornalismo da Unochapecó, bolsista do projeto Documentário e Comunidade – uma história que vai virar filme. debora_fp@unochapeco.edu.br

⁴ Mestre em Comunicação Social. Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó, coordenadora do projeto Documentário e Comunidade – uma história que vai virar filme. Ilka@unochapeco.edu.br

⁵ Mestre em Comunicação Social. Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó. Contribuinte no projeto Documentário e Comunidade – uma história que vai virar filme. mariangela@unochapeco.edu.br



O projeto Documentário e Comunidade faz parte do Núcleo de Extensão em Comunicação da Unochapecó, que está embasado no conceito de Mídia Cidadã, um conceito ainda recente, mas que aponta para a construção de espaços alternativos de comunicação, onde todos têm voz, vez e onde os meios de comunicação são feitos com e não apenas para o público. A proposta do projeto é possibilitar aos moradores de bairros do município de Chapecó, o acesso às ferramentas e ao conhecimento técnico para a produção de documentários. Os temas dos documentários surgem de inquietações da comunidade que é provocada a pensar o seu dia a dia. Com essa vivência os alunos do curso de jornalismo passam a ter perspectivas mais autênticas sobre o que é de interesse público e quem é o público para o qual a imprensa trabalha, ao mesmo tempo, a ideia de que a comunidade conte e registre em áudio e vídeo o seu cotidiano, a torna autônoma e fortalece o conceito de coletividade, de um coletivo em busca de mais espaço e reconhecimento.

Atualmente, o projeto trabalha com um grupo de adolescentes do Bairro Efapi, mas as atividades iniciaram em 2007, no bairro São Pedro. Até o início de 2010 foram promovidas mostras de documentários produzidos pelo curso de jornalismo no Salão Paroquial do Bairro, no auditório da Escola Parque e nas escolas localizadas na região do São Pedro. As exposições eram seguidas de debates e discussões sobre o processo de elaboração dos vídeos e sobre as temáticas abordadas. Os moradores envolvidos diretamente com o projeto na organização e divulgação das mostras, passaram a integrar a equipe de produção audiovisual.

Com a comunidade do São Pedro foram produzidos três documentários: “São Pedro Diário” - o Bairro São Pedro apresentado pelos próprios moradores, à história do bairro, o cotidiano, os problemas, o preconceito, os projetos sociais; “Com as próprias mãos” - o cotidiano dos talentos do bairro, pessoas que se dedicam a fazer o que gostam e a vencer desafios. Ao abordar questões de preconceito, dificuldades e coletividade existente entre os grupos, desmitifica-se a ideia de que talento é algo extraordinário que somente poucas pessoas possuem; “As veias abertas do Bairro São Pedro” - os problemas enfrentados pelos moradores com o frequente transbordamento do rio, provocado pelo lixo e pela inexistência de saneamento básico no bairro,



materializam uma história de exclusão social, de descaso por parte do poder público e de preconceito.

Durante sua permanência no São Pedro, o projeto também promoveu uma rádio ao vivo na rua central do Bairro, participou de eventos em escolas, promovidos pelos adolescentes que participavam do projeto, levou os moradores para eventos focados em cinema e comunicação, promoveu mostras em outras localidades, como em uma comunidade rural. A troca foi constante e autêntica. Uma vivência de extensão universitária na sua perspectiva mais próxima possível da idealizada por Paulo Freire:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.” (FREIRE, 2006, p.25)

2. Adolescentes do Bairro Efapi produzem documentários

Após uma avaliação do projeto foi decidido que era preciso trocar de bairro para que mais pessoas pudessem ter acesso às mostras e à produção de documentários. Devido a proximidade com a Unochapecó e à existência de um projeto experimental em mídia cidadã na Escola Tancredo Neves, fatores que facilitariam a aproximação com a comunidade, os integrantes do projeto iniciaram o trabalho de reconhecimento do Bairro Efapi, seus loteamentos, suas escolas e suas associações de moradores.

Segundo a “Pesquisa para intervenção no bairro Efapi”, de Jocenei Franciso Ramos (2007), do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unochapecó, o Bairro Efapi é composto por pessoas de baixa renda, que sobrevivem do trabalho nas agroindústrias concentradas na região, além dos mais variados comércios e outras atividades, como a coleta de material reciclável. Os principais fatores de crescimento do bairro Efapi são: a instalação de agroindústrias de maior porte e a instalação de uma Universidade, o que atraiu inúmeras pessoas, de diferentes culturas.

O ultimo Censo realizado pelo IBGE registou mais de 27 mil habitantes no bairro. Mesmo o bairro apresentando um considerável número de habitantes, a pesquisa de Ramos indica que a infra-estrutura é bastante precária, exceto no caso de energia



elétrica e água que atinge 100% da população. Em relação à pavimentação, 43% das ruas não são pavimentadas. Segundo o IBGE, funcionam no bairro 16 escolas, mas apenas a EEB Tancredo de Almeida Neves oferece ensino médio.

Hoje, é possível dizer que os adolescentes que participam do projeto sentem-se particularmente atraídos pela produção audiovisual – filmar, entrevistar, editar. Eles têm acesso às novas tecnologias e gostam da possibilidade de usá-las. Para a produção audiovisual os moradores participam de oficinas de roteiro, de câmera e de edição. Os materiais utilizados, como computadores, câmeras de vídeo, microfones, luz, equipamento de edição, são do Laboratório de TV e de Cinema da Unochapecó através de uma parceria com Área de Ciências Sociais Aplicadas.

Os bolsistas, sob a orientação de professores, se preparam pesquisando assuntos e metodologias de trabalho para atuar com esses jovens, com o objetivo de provocar um olhar reflexivo e ativo sobre a sua realidade. Assim como os adolescentes passam a ter acesso às informações, conceitos, discussões e ferramentas de comunicação até então desconhecidas, os acadêmicos que trabalham com o projeto também conhecem um mundo diferente, pesquisam sobre, capacitam-se para capacitar. É um trabalho que tem resultados a longo prazo, mas que já demonstra sua importância, como relata um dos bolsistas, aluno de jornalismo, ao avaliar as atividades:

Os moradores que participam e os bolsistas desenvolvem aptidões básicas e outras que garantem um diferencial no resultado dos trabalhos realizados. As atividades planejadas, realizadas e avaliadas coletivamente contribuem para o senso crítico. Os participantes têm a oportunidade de perceber que, muito além de receptores de informações, eles podem ser agentes pró-ativos e transformadores que contribuem para o desenvolvimento da sociedade. Outro ponto é a oportunidade que os jovens que participam têm em trabalhar com esses projetos. Futuramente podem ser profissionais da comunicação e, mesmo não sendo, terão um olhar diferente em relação à realidade à sua volta”. (Vinícius Antonio Ranzan – aluno do 3º período do Curso de Jornalismo em depoimento sobre sua participação como bolsista no Núcleo de Extensão em Comunicação – dez 2010).

A escolha do documentário como ferramenta de mídia cidadã, deve-se ao fato de que o gênero possibilita diferentes intervenções estéticas e conceituais. O documentário é o registro de histórias, de fatos, de dados, mas com uma característica muito importante, que o diferencia da reportagem tradicional: o caráter autoral. Admite-se, ou



melhor, exige-se no documentário o argumento, ou seja, o diretor/documentarista deve deixar claro qual a sua intenção com o filme/vídeo e trabalhar nesta perspectiva, selecionando as realidades que quer mostrar numa relação franca e honesta com o espectador.

Além do aspecto conceitual, há o procedimental que permite ao diretor/documentarista a liberdade para experimentações do ponto de vista da estética. Não há normas, padrões a serem obedecidos na produção de um documentário, se na reportagem o jornalista é o narrador, mediador, no documentário os personagens reais assumem parte do compromisso de narrar sua história. O tratamento estético é outro, o que possibilita ao documentário ser reflexivo, participativo, observativo, performático, poético, ao mesmo tempo em que é parte do real. No Brasil, os documentários contemporâneos têm sido responsáveis por contar e recontar a história e o cotidiano sob diferentes olhares, a partir de atores sociais, a maioria das vezes protagonistas, que na mídia tradicional e na história oficial passam despercebidos.

A escolha do tema do documentário a ser produzido pelos grupos passa por um processo lento, que implica primeiro, em um aproximação entre os adolescentes e os bolsistas e professores do núcleo de extensão. O projeto trabalha com o planejamento dos encontros, mas os temas, assim como as atividades surgem de propostas e idéias do grupo, o compromisso do projeto é construir com a comunidade e não apresentar desafios, metas e metodologias prontas. Por esse motivo, nem sempre as atividades acontecem no tempo previsto. Neste processo de “reconhecimento” foram promovidas mostras de documentários.

É também objetivo do “Documentário e Comunidade” criar espaços alternativos para a exibição de produções audiovisuais que não encontram lugar no circuito comercial cinema e de televisão. Entende-se que assim é possível contribuir para a formação de um público mais consciente, crítico, que poderá perceber a importância da exibição de conteúdos comprometidos com a realidade e com o conhecimento. O interessante deste desafio é que em espaços alternativos é possível possibilitar não apenas a mostra do filme, mas a sua discussão. Esses momentos foram muito



importantes também para que o grupo conhecesse mais sobre o gênero documentário, já que os produtores se fizeram presentes e falara sobre o processo de produção.

Equipes são grupos, basicamente de adolescentes, que se reúnem por terem algo em comum. O objetivo do documentário é, principalmente, entender o motivo da reunião dessas pessoas e, também, desmistificar a visão da população local sobre esses grupos (rede social, violências, festas, drogas...). Atualmente, o documentário está em fase de captação. Os participantes do projeto entrevistam equipes e integrantes delas, segundo eles, há, somente no Bairro Efapi, cerca de 30 equipes de adolescentes. Enquanto produzem o documentário, o grupo assiste filmes e participa de outras atividades que tem por objetivo subsidiar a produção.

Atualmente, o documentário deste grupo está em fase de gravação. Os participantes do projeto já entrevistaram equipes e integrantes delas, colegas que trouxeram dúvidas sobre as equipes, professores da escola expondo suas opiniões em relação ao assunto. E tiveram palestra que tem como objetivo entender melhor o assunto que vai ser tratado.

3. Considerações finais

No momento de refletir sobre o projeto, é importante resgatar dois autores. Néstor Canclini, quando afirma estar ocorrendo, quanto à apropriação da cultura, uma verdadeira revanche cultural pelas mãos dos próprios usuários e receptores dos meios, o que faz com que essas práticas sejam verdadeiros diamantes para a localidade. E, Ricardo de Freitas que a partir de estudos sobre produção e recepção de produtos audiovisuais periféricos, provoca:

Se a produção de vídeo sobre a periferia quebra a universalidade de códigos, que no caso brasileiro parecem estar erigidos sobre uma produção que representa a periferia a partir de um modelo de caos metropolitano como tido e visto no eixo centro-sul do país, os vídeos autóctones, produzidos pela própria periferia, parecem significar uma “nova estética de periferia”, que, se não fogem tão radicalmente dos moldes predefinidos pela produção hegemônica, contribuem para a destituição da carga de dominação presente na produção hegemônica, reelaborando novas esferas de dominância e preferência. Afinal, seus produtores, até então tidos como receptores passivos elaboram a codificação a partir de uma longa experiência com a decodificação da mensagem. (FREITAS. 2008,p.14)



O trabalho proposto pelo projeto não é apenas produzir um documentário, ou ensinar pessoas a “segurar uma câmera” e entrevistar, mas sim gerar discussões para fomentar o senso crítico dessa população. Os adolescentes conseguem perceber os problemas que os cercam e estão procurando, através do documentário, falar com os demais moradores sobre esses assuntos, tentando entender e conscientizar as pessoas, para que de alguma forma gere mudança. Os vídeos documentários estarão prontos no segundo semestre deste ano, e a mostra deles é uma forma de dar retorno a comunidade e aos participantes.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ/NESC, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Da margem ao centro: comunicação e arte frente às questões de produção e recepção em produtos audiovisuais periféricos**, in Anais Congresso Nacional Intercom, Natal, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PAIVA, Raquel. **Espírito Comum**: comunidade, mídia, globalismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003

PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Direito a comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Revista Lumina, Juiz de Fora, Vol. 1, 2007

SILVA, Rogério Pereira da. **Mídia Cidadã, Mídia Democrática**. Mapa da Mídia Cidadã, Brasil, séc. XXI
(http://www2.metodista.br/unesco/agora/mapa_midia_cidada_rogerio.pdf)